



# Inespecificidade em E-Imigrações: o migrante e as materialidades literárias híbridas

*Nonspecificity in E-Imigrações: the migrant and the hybrid literary materialities*

Dayane Argentino Dias<sup>(a)</sup>

<sup>a</sup> Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) – dayane.argentinodias@gmail.com

**Resumo:** Este artigo analisa a obra de literatura digital *E-Imigrações* (2021), de Alckmar Luiz dos Santos, Rafael Soares Duarte e Vinícius Rutes Henning, a partir dos conceitos de arte “pós-autônoma” (CANCLINI, 2012) e de “arte inespecífica” (Garramuño, 2014), apoiando-se também nas reflexões de Bauman (2017) sobre processos migratórios e de Silviano Santiago (2000) sobre o entre-lugar. Argumenta-se que, por um lado, a forma híbrida da obra — que articula elementos de histórias em quadrinhos, poesia e programação/engine em regime de multimodalidade — a posiciona como objeto inespecífico no nível dos sistemas, refletindo a erosão de barreiras entre linguagens e modos de expressão. Por outro lado, do entre-lugar estético ao entre-lugar sociológico, analisamos o tema da imigração para mostrar que, na obra, conteúdo, forma e lugar sistêmico se reforçam mutuamente a partir da ideia de deslocamento e de entre-lugar. Mostramos, ainda, que a ancoragem institucional da obra (circulação crítica, ISBN, atuação em circuitos como NUPILL/Observatório) evidencia sua afirmação sistêmica na literatura, mesmo quando opera hibridismos formais. A análise demonstra como a inespecificidade da obra não é apenas um efeito, mas a própria materialização da experiência fragmentada do sujeito deslocado, oferecendo um relato para um mundo que já não se organiza por narrativas únicas e contribuindo para a compreensão de particularidades estéticas e políticas da literatura digital produzida no Sul Global.

**Palavras-chave:** Literatura Digital. *E-Imigrações*. Inespecificidade. Hibridismo. Pós-autonomia.

**Abstract:** This article studies digital literature work *E-Imigrações* (2021), by Alckmar Luiz dos Santos, Rafael Soares Duarte, and Vinícius Rutes Henning, drawing on notions of post-autonomous art (CANCLINI, 2012) and a proposal of nonspecific art (GARRAMUÑO, 2014), as well as Bauman's (2017) reflections on migratory processes and Silviano Santiago's (2000) in-between concept. It's argued that, on one hand, the work's hybrid form — articulating elements of comics, poetry, and game engine/programming in a regime of multimodality — positions it as a nonspecific object at the

field level, reflecting the erosion of boundaries between languages and expression modes. On the other hand, from the aesthetic in-between to the sociological in-between, the theme of migration is examined to show how content, form, and systemic location mutually reinforce one another through the idea of displacement and in-betweenness. It's further shown that the work's institutional anchoring (critical circulation, ISBN, participation in circuits such as NUPILL/Observatório) evidences its systemic affirmation within literature, even as it operates formal hybridisms. The analysis demonstrates that the work's unspecificity is not merely an effect, but the materialization of the displaced subject's fragmented experience, offering a narrative for a world no longer organized by single, unifying stories and contributing to an understanding of the aesthetic and political specificities of digital literature produced in the Global South.

**Keywords:** Digital Literature. E-Imigrações. Nonspecificity; Hybridity; Post-autonomy.

## Introdução

Publicado em 2021 pela editora Inverso, *E-Imigrações*<sup>2</sup> (2021) é um exemplo interessante sobre as possibilidades de uma nova literatura que se configura em um ambiente contemporâneo digital. Desenvolvida por Alckmar Luiz dos Santos, Rafael Duarte, Vinícius Rutes Henning e uma equipe de colaboradores, a obra “apresenta a dimensão trágica dos deslocamentos migratórios contemporâneos, a partir de tragédias coletivas como o terremoto no Haiti, a guerra civil na Síria e a derrocada econômica da Venezuela” (Santos, Duarte e Henning, [s.d]), grupos que passaram a compor, em número crescente, o mosaico migratório do Brasil<sup>3</sup>. Para pensarmos o que a caracteriza como literatura digital, podemos utilizar da seguinte definição de Catrópa, Pereira e Rocha (2025):

A definição de literatura digital/eletrônica deve levar em consideração o fato de que ela não se restringe a um gênero literário, a um estilo ou a um tipo de texto. Se tais elementos são importantes para a sua caracterização, igualmente imprescindíveis são os aspectos relacionados à materialidade dos textos e dos ambientes em que se inscrevem, seus modos de circulação e as relações entre os produtores, os consumidores, as instituições e o mercado, todos inseridos no contexto da [digitalidade](#). A literatura digital/eletrônica caracteriza-se por sua natureza limiar e experimental, o que exige uma abordagem multidisciplinar para sua compreensão (Catrópa, Pereira e Rocha, 2025).

Conforme descrita por seus autores, *E-Imigrações* (2021) é uma “criação literária que pretende conjugar a linguagem das HQ's, o ritmo da poesia verbal e a espacialização via criação computacional” (Santos, Duarte e Henning, [s.d])<sup>4</sup>. Todas essas camadas que constituem a obra a afastam de um lugar comum, gerando uma obra capaz de existir apenas em um contexto digital (desenvolvida por *Unity*<sup>5</sup>), mesmo que com conexões ainda evidentes com mecanismos típicos de literatura impressa (sua publicação através de uma editora).

O percurso da obra é composto por três narrativas, do Haiti, Síria e Venezuela, como mencionado, organizadas em quadros de HQ com sobreposição de texto poético, imagens e trilha sonora. A navegação é progressiva e irreversível (avança-se por cliques; não é possível retornar às cenas anteriores sem reiniciar), e a interação aciona animações e efeitos sonoros que marcam mudanças de atmosfera. Em certos momentos, a espacialização do texto torna-se parte do sentido: os versos desenhavam uma rota sobre o mapa, convertendo palavra em caminho. Cada segmento adota fontes e paletas específicas, e o desenho sonoro alterna entre ambiências e temas, organizando o ritmo da leitura.

Neste artigo, mostramos como essa arquitetura formal e técnica costura linguagens, modos e suporte, em diálogo com a ideia de “arte pós-autônoma” (CANCLINI, 2012) e com a proposta de “arte inespecífica” (GARRAMUÑO, 2014), também analisamos o tema migratório pela chave do entre-lugar e do “estranho” (SANTIAGO, 2000; BAUMAN, 2017). Propomos esta leitura porque *E-Imigrações* faz convergir, no mesmo gesto, a experimentação estética da literatura digital e a tematização da migração. Ao mobilizar o entre-lugar (SANTIAGO, 2000) e a figura do “estranho” (BAUMAN, 2017), podemos realizar uma leitura de como a obra organiza experiências de deslocamento de modo que conteúdo, forma (multimodalidade, espacialização do texto, navegação irreversível)

e lugar sistêmico<sup>6</sup>, entendido aqui como sistema de circulação editorial e crítica (circulação editorial, ISBN, inserção em repositórios de literatura digital) se reforçam mutuamente.

Organizamos a análise em dois movimentos: primeiro, delineamos a noção de inespecificidade (GARRAMMUÑO, 2014) em diálogo com a pós-autonomia (CANCLINI, 2012), depois aplicamos esse quadro à obra em quatro níveis (linguagem/forma; modos; suporte/plataforma; circulação/campo); depois, deslocamos o foco para o entre-lugar sociológico do tema migratório (SANTIAGO, 2000; BAUMAN, 2017). Concluimos apontando que os atravessamentos formais convivem com a afirmação no sistema de circulação da obra no campo da literatura digital.

### **Cascatas de inespecificidade**

No contemporâneo, a partir da virada do século XXI, as artes e o próprio conceito de cultura passam por uma ressignificação marcada por processos de convergência e interferência entre esferas anteriormente tratadas como separadas. Linguagens verbal, visual, sonora e digital deixam de constituir territórios isolados para se articularem de forma integrada. Nesse contexto, a arte assume o caráter de “pós-autônoma<sup>7</sup>” que, segundo Canclini (2012), retomando Josefina Ludmer, perde a pretensa autonomia que circunscreve os modos de dizer e de fazer no interior das fronteiras<sup>8</sup> disciplinares. Ainda conforme o autor, vivemos em uma sociedade na qual os “relatos” já não desempenham a função de organizar a cultura: sua multiplicidade e abundância produzem heterogeneidade em vez de estrutura única.

Quando falo em sociedade sem relato não quero dizer que faltem relatos, como no pós-modernismo que criticou as metanarrativas; refiro-me à condição histórica na qual nenhum relato organiza a diversidade em um mundo cuja interdependência leva muitos a sentirem falta dessa organização. (CANCLINI, 2012, p. 25 - 26).

Desse quadro resulta um terreno propício para objetos que operam entre fronteiras, nos quais a articulação entre linguagens e suportes se sobrepõe às divisões disciplinares. É nesse ponto que introduzimos a noção de “inespecificidade” trabalhada por Florencia Garramuño (2014). Ao discutir esse fenômeno contemporâneo, tanto na literatura, quanto na arte como um todo, Florencia Garramuño (2014, p. 6) propõe a existência de objetos tidos como *frutos estranhos*, são eles:

Frutos estranhos e inesperados, difíceis de ser categorizados e definidos, que, nas suas apostas por meios e formas diversas, misturas e combinações inesperadas, saltos e fragmentos soltos, marcas e desenquadramentos de origem, de gêneros - em todos os sentidos do termo - e de qualquer definição específica ou categoria de pertencimento em que instalar-se (Garramuño, 2014, p. 6).

A partir dessa definição, é perceptível que uma obra, para tornar-se inespecífica, depende de uma conjuntura variada de fatores capazes de configurar tal existência. A inespecificidade funciona como uma chave de leitura, permitindo olhar para uma obra através de uma lente do entre-lugar, ou seja, não analisá-la sob o viés de um único espaço de pertencimento, entendendo que aquela obra pode ser analisada através de ângulos múltiplos. Ao analisar alguns poemas que constroem poesia em formato de prosa, Garramuño faz a seguinte afirmação, que se aplica para a o inespecífico na arte em geral:

O pôr em crise essa identidade entre poema em verso e em prosa se torna um modo mais generalizado de questionar formas do pertencimento e do específico - do próprio e do enquanto tal - abrindo um espaço em que o comum, o em comum e a comunidade se definem já não por essências compartilhadas ou por características próprias - específicas -, mas pela abertura desse espaço para o outro de si mesmo. (Garramuño, 2014, p.51).

Há um cuidado que deve ser tomado: classificar uma obra como inespecífica é um movimento contraditório, visto que atribuir uma

nomenclatura é afirmar a especificidade de um objeto. Ou seja, ao catalogar-se algo em um rótulo imanente de inespecificidade, ameaça-se a construção de uma especificidade, o que aproxima todas essas obras variadas dentro de uma mesma classificação. A inespecificidade deve ser fluida e flexível para não, ironicamente, resultar em especificação.

Um dos indicadores de uma leitura inespecífica é o “entrecruzamento de meios e suportes” (GARRAMUÑO, 2014, p. 8), isto é, obras que “utilizam vários meios ou suportes diferentes, em que se entrecruzam música, filme, literatura, arte, cinema, fotografia e poesia” (GARRAMUÑO, 2014, p. 9). Nesse sentido, aparecem indícios de inespecificidade tanto por uma mudança de suporte<sup>9</sup>, como pode ser observada em obras de literatura pensadas para existir inerentemente em um ambiente digital; tanto por uma hibridização de mídias, conforme entendido por Manovich (2013, p.167, tradução nossa<sup>10</sup>):

Em documentos multimídia e aplicações interativas, os tipos de conteúdo em vários meios aparecem lado a lado. Numa página web, imagens e vídeos aparecem ao lado de texto; uma publicação de blog pode, de forma semelhante, mostrar texto, seguido de imagens e mais texto; um mundo 3D pode conter um objeto de tela plana, usado para exibir vídeo. Alternativamente, cada elemento de uma mensagem multimídia abre no seu próprio visualizador (este era o caso das implementações MMS nos telefones da década de 2000). Em contraste, nas interfaces de mídias híbridas, as técnicas e, em última análise, os pressupostos mais fundamentais de diferentes formas e tradições de mídia são reunidos, resultando em novas gestalts de mídia. Ou seja, eles fundem-se para oferecer uma nova experiência coerente, diferente de experienciar todos os elementos.

É fulcral pontuar que todos esses aspectos possíveis para a inespecificidade funcionam em uma lógica de cascata, um funcionamento dinâmico e sobreposto que privilegia fluidez, de movimento constante. Nem todas as obras apresentarão a mesma escala de inespecificidade das mesmas formas, mas as possibilidades aqui apresentadas revelam

entradas pelas quais uma leitura inespecífica pode acessar um objeto. Ainda que a hibridez e as variadas interrelações entre suportes apontem em direção à inespecificidade, o fenômeno não se resume a essas possibilidades:

No entanto, se o entrecruzamento de meios e suportes é a face mais evidente desse questionamento da especificidade, o fato é que essa aposta no inespecífico se aninha também no interior do que poderíamos considerar uma mesma linguagem, desnudando-a em sua radicalidade mais extrema. Porque é na implosão da especificidade no interior de um mesmo material ou suporte que aparece o problema mais instigante dessa aposta no inespecífico, explicando, aliás, a proliferação cada vez mais insistente desses entrecruzamentos de suportes e materiais como uma condição de possibilidade – dir-se-ia de horizonte – da produção de práticas artísticas contemporâneas (Garraмуño, 2014, p. 8).

Para Garraмуño (2014), essa inespecificidade da linguagem pode ocorrer no interior de obras de suporte único e sem hibridização de mídias, conforme ela exemplifica em diversas obras poéticas que ocupam um entre-lugar entre prosa e poesia, mesclando e confundindo seus gêneros. Esse possível nível da cascata de inespecificidade pode ser exemplificado pelo caso de *House of Leaves* (2000), de Mark Z. Danielewski; livro impresso, em um suporte consolidado, que usa notas de rodapé para contar uma história dentro da história, com páginas em branco, palavras riscadas ou borradas, passagens criptografadas, entre outros procedimentos que desestabilizam convenções de leitura, construindo uma linguagem não convencional e que permite uma aproximação crítica por diversas abordagens distintas. Todos esses variados aspectos em cascata (linguagens, meios, suportes) não são hierarquizados; seus pesos variam caso a caso, evitando uma especificação classificatória. Trata-se de um conjunto não exaustivo de entradas de leitura, alinhado à proposta de Garraмуño (2014).

Em diálogo com Canclini (2012), considerar a diversidade de relatos e de circuitos implica reconhecer que a rede se complexifica, se expande e a arte se torna um representar diverso que expõe questões como o estranhamento e a marginalização diante do dominante (como a relação entre as mídias impressas e digitais no literário, por exemplo). Considerar outros suportes para analisar uma obra é, então, ato que expande o sistema e que gera interseções.

Veja-se que Canclini (2012) considera que os relatos não estavam deixando de existir, ou que a arte estava morrendo pela falta deles, mas pela sua abundância e caráter diverso, como já citado. Nessa rede de relações, o artístico se expande inclusive para o político-social e materializa conflitos que deixam de ser consequências de fatores “externos” ao literário e integram o interior desse amplo sistema.

todos os propósitos da arte de diferentes épocas subordinam-se à tendência de ampliar a participação. diz-se que uma rede é melhor quanto mais usuários incluir, quando incrementa sem cessar, vídeos, fotografias e blogs. mais do que obras, encontramos diálogos, expressões de desejos, intercâmbios, compras, informação sobre o que os outros falaram ou compraram. mais do que obras e espectadores, encontramos fluxos que circulam através dos objetos, pessoas e imagens (Canclini, 2012, p. 51).

Com base nesse quadro, o que será apresentado a seguir é uma leitura em cascata do deslocamento formal da arte em *E-Imigrações* (2021) e, em seção própria, do deslocamento temático da migração, buscando mostrar que, na obra, conteúdo, forma e lugar sistêmico se reforçam mutuamente a partir da ideia do deslocamento, do entre-lugar. É por essa via que articulamos como forma, conteúdo e inserção no campo se reforçam mutuamente ao longo do artigo. A seguir, passamos da moldura teórica à aplicação: observamos como *E-Imigrações* (2021) performa essa inespecificidade em quatro níveis, do micro (linguagem/forma) ao macro (circulação/sistema).



## A inespecificidade da obra

Ao descrever sua construção criativa, Alckmar Luiz dos Santos, um dos autores de *E-Imigrações* (2021) descreve uma busca constante para que as múltiplas camadas presentes na obra sejam capazes de conversar entre si, de resultar na inespecificidade já discutida, ao invés de causar mera sobreposição de som, imagem e texto:

Sempre há uma conversa entre a criação verbal e a criação visual, [...]. Mas ela não é assim, uma garantia suficiente para dizer que o visual não vai ser só uma ilustração do verbal, e o verbal não vai ser só um comentário do visual [...]? Essa conversa não garante que a gente vai escapar disso, que seria assim, diminuir muito a criação. Mas eu diria, hoje, [...] que as estratégias de imersão e de interatividade são as que nos permitem fazer com que o visual e o verbal conversem sem um se subordinar ao outro, e conversem sem que fiquem afastados, cada um funcionando em sua linha específica (Santos, 2021).<sup>11</sup>

Essa lógica híbrida ilustra e informa algumas das escolhas estéticas de *E-Imigrações* (2021), que buscam integração entre modos de percepção (verbal, visual, sonoro e cinético) ativados numa mesma mídia, o computador. Nesse sentido, a obra arrisca a transgressão de fronteiras, conectando formas de fazer (HQ, poesia, programação/espacialização) em um mesmo dispositivo de leitura. Como relatam Santos, Duarte e Henning (2021, p. 195), creditados como autores da obra: “a primeira dificuldade [...] foi o fato de [a obra] pôr em diálogo três diferentes linguagens (a das histórias em quadrinhos, a da poesia verbal e a da programação computacional). Isso representou a ameaça constante de criarmos não uma, mas três obras distintas que não dialogariam minimamente entre si”.

Além daquilo citado pelos autores, outros aspectos são essenciais no entendimento da obra: a música cumpre um papel fundamental, com faixas variadas usadas para intensificar certas cenas e construir uma atmosfera distinta para cada uma das três narrativas. Sons de fundo –

como ruído de mar, passos, explosões distantes – criam uma ambientação imersiva que reforça o caráter dramático das cenas. A música varia conforme cada segmento narrativo, ora mais cadenciada e triste, ora mais tensa, contribuindo para a atmosfera emocional. Percebe-se uma sincronicidade intencional das linguagens: o som não é mera adição decorativa, mas parte da narrativa sensorial que envolve o leitor, amplificando a compreensão da situação dos personagens.

Além disso, a obra mobiliza uma ferramenta de criação de jogos eletrônicos para seu desenvolvimento: “O Unity Engine é um software de desenvolvimento de jogos e aplicativos que permite aos desenvolvedores criar videogames em mais de 20 plataformas e bilhões de dispositivos.” (Unity, s.d.)<sup>12</sup>. Ao iniciar a obra, a primeira imagem vista pelo consumidor é o logo da *Unity*, que promete um pacto implícito ao vê-lo pulsar: Isso que está sendo acessado é um jogo. Tal lógica é imposta ao utilizar-se de um *software* como esse, aproximando *E-Imigrações* (2021) da lógica do *videogame*.

Se, por um lado, o uso do *Unity* poderia sugerir uma inscrição no sistema dos jogos eletrônicos, por outro, os próprios autores a definem como literatura digital e a presença de um ISBN<sup>13</sup> fixa a obra na lógica de regulamentação do sistema literário. Nesse sentido, o motor de jogos é apropriado como ferramenta técnica e estética, e não como inscrição plena no sistema dos *games*. Essa grande carga de interferências variadas facilita argumentar a favor da inespecificidade de *E-Imigrações* (2021), a favor de sua capacidade de talhar um lugar de existência novo.

Na obra, podemos perceber uma entrada de leitura através da inespecificidade da linguagem, que pode ser observada durante a narrativa haitiana. Nela, moradores locais são forçados para fora de sua

terra natal após uma série de desastres naturais e precisam emigrar para o Brasil. Na última cena do capítulo, temos a seguinte imagem:

Fig. 1 - Captura de tela do final da narrativa do Haiti em *E-Imigrações* (2021)



Fonte: Santos; Duarte; Henning (2021).

Conforme ilustrado na Fig. 1, a afirmação “Bom, mais difícil que aqui não vai ser” introduz a passagem em que a poesia se converte em rota geográfica. Os versos são então dispostos de maneira a delinear um trajeto sobre o mapa, conduzindo o leitor da ilha ao continente americano e, posteriormente, até o Brasil, como representado na Fig. 6. Através dessa trilha poética, os refugiados são levados com esperança de uma vida melhor, de uma realidade menos agressiva, criando seus próprios caminhos já que: “estradas não existem, / sou eu que as faço, / fugindo a dor da vida / e do seu aço” (SANTOS; DUARTE; HENNING, 2021).

Porém, mesmo simulando a estrutura de uma HQ, com quadros e páginas, a obra impõe linearidade: o usuário pode apenas navegar em frente, incapaz de retornar para revisar cenas anteriores sem recomençar a obra inteira. É uma posição desprovida de controle, guiada pelas contingentes curvas imprevisíveis que a ela podem ser impostas, um fluxo de

descontrole simulando o mesmo processo de imigração sem possibilidade de retorno. Mantém-se a familiaridade de versos, mas eles tornam-se linhas, sobrepostos sobre o mapa para traçar o percurso dos personagens:

Fig. 2- Captura de tela de versos traçando uma linha sobre o mapa em *E-Imigrações* (2021), do Haïta até o Brasil, na conclusão da narrativa haitiana



Fonte: Santos; Duarte; Henning (2021).

Tomamos quatro níveis de aplicação para observar esses atravessamentos: linguagem/forma, modos (multimodalidade), suporte/plataforma e circulação/sistema. A seguir, aplicamos esses níveis à obra. A primeira leitura de inespecificidade em *E-Imigrações* (2021) se manifesta no interior da linguagem e da forma. A obra tensiona fronteiras entre texto literário, quadrinho e poesia, instaurando um entre-lugar em que nenhuma dessas linguagens se mantém pura. A palavra é atravessada pela visualidade e pelo espaço; os balões e quadros típicos das HQs assumem função poética; e o ritmo do texto é determinado tanto pelo olhar quanto pela ação do leitor, que é obrigado a ficar e observar o texto, já que não pode voltar ou avançar na narrativa. Esse movimento configura aquilo que Florencia Garramuño (2014, p.8) descreve como “implosão da especificidade no interior de um mesmo material”, ou seja, uma crise das identidades formais da linguagem. *E-Imigrações* (2021) não abandona a

literatura, antes, amplia seus modos de dizê-la, instaurando uma escrita que se abre à indeterminação sem perder a coerência narrativa e estética.

A segunda leitura ocorre no nível dos meios, quando a obra faz uso de multimodalidade, como já dito, os diferentes modos de percepção (verbal, visual, sonoro, cinético) atuam de forma coordenada, próprios do ambiente digital. O desenho sonoro não é decorativo; ele compõe a diegese, marca atmosferas e regula tempos de leitura, reforçando a experiência emocional e a compreensão das situações narradas. Assim, palavra, imagem e som se fundem em percursos que não são meramente lineares, mas rítmicos e sensoriais.

A terceira leitura ocorre no nível dos suportes, já que a obra parece deslocada do ambiente impresso, onde poderia materializar-se como uma HQ, para o digital. O leitor precisa clicar, ouvir e observar, tornando-se parte constitutiva do texto. O que se lê, vê e escuta não se organiza de forma linear, mas em um percurso rizomático, em que palavra, som e imagem se fundem. Ainda, a obra é programada em engine de jogos (*Unity*), o que convoca expectativas de interatividade; essas expectativas são reconfiguradas em direção a uma experiência de literatura digital. A rolagem, os bloqueios de retorno e a transformação de versos em trajetos espaciais estruturam a leitura.

No entanto, é no nível sistêmico que se torna evidente o limite dessa cascata de inespecificidade. Embora atravessasse diferentes linguagens e meios, *E-Imigrações* (2021) está situada de forma clara dentro do sistema da literatura digital brasileira, consolidado por instituições como o NUPILL<sup>14</sup> e o Observatório<sup>15</sup> da Literatura Digital Brasileira e pelos próprios marcos de circulação editorial (como o ISBN). Sua inserção no literário, de maneira, autoral e crítica reafirma sua posição nesse sistema, e não fora dele. Dessa forma, a obra apresenta inespecificidade no plano

formal e operacional (hibridizações, multimodalidade, plataforma), ao mesmo tempo em que se afirma sistemicamente como literatura digital. Uma vez descrito o funcionamento formal, deslocamos agora o foco para o entre-lugar sociológico da migração na obra, articulando conteúdo e forma com a figura do ‘estranho’ (Bauman).

### **Do entre-lugar estético ao entre-lugar sociológico**

As migrações – sejam voluntárias ou forçadas – são objeto recorrente da literatura, da história e das ciências sociais, dada a profunda carga de transformação identitária e cultural, de traumas e memórias, de pertencimento e entre-lugar implicados nesses processos. O entre-lugar, no sentido proposto por Santiago (2000, p. 26), não é um ponto fixo, mas um espaço limiar de negociação entre códigos, no qual o sujeito cumpre e subverte, traduz e transforma, operando entre a assimilação e a expressão:

Entre o sacrifício e o jogo, entre a prisão e a transgressão, entre a submissão ao código e a agressão, entre a obediência e a rebelião, entre a assimilação e a expressão — ali, nesse lugar aparentemente vazio, seu templo e seu lugar de clandestinidade, ali, se realiza o ritual antropófago [...] (Santiago, 2000, p. 26).

A figura do imigrante aparece desde relatos coloniais e obras regionalistas, como em *O Cortiço* (1890), de Aluísio Azevedo, que retrata portugueses e italianos no Rio de Janeiro, passando por vozes do século XX como Samuel Rawet (*Contos do imigrante*, 1956) e Milton Hatoum (*Relato de um certo Oriente*, 1989; *Dois irmãos*, 2000), até autores contemporâneos como Adriana Lisboa (*Azul-corvo*, 2010) e Julián Fuks (*A resistência*, 2015). Essa presença ganha nova visibilidade no final do século XX e início do XXI, acompanhando os fluxos migratórios contemporâneos e as crises de refugiados globais, além da intensificação dos deslocamentos populacionais que marcaram o mundo pós-2000 (guerras no Oriente

Médio, catástrofes ambientais, globalização econômica, antropoceno, tecnocapitalismo, entre outros fatores).

Bauman (2017) lembra que os refugiados “têm batido à porta de outras pessoas desde o início dos tempos modernos” e, do ponto de vista de quem está por trás dessas portas, “sempre foram – como o são agora – estranhos” (BAUMAN, 2017, p. 10). A categoria “estranho” não é meramente descritiva; ela organiza afetos e práticas sociais: “Sobre os estranhos, porém, sabemos muito pouco para sermos capazes de interpretar seus artifícios e compor nossas respostas adequadas” (BAUMAN, 2017, p. 11), o que alimenta ansiedade e medo.

Na obra *E-Imigrações* (2021) isso pode ser lido, por exemplo, através do desfecho dos sujeitos-famílias migrantes para o Brasil. No final da narrativa digital, vemos destinos marcados por adversidades; os personagens haitianos, por exemplo, deparam-se aqui com a violência do racismo. Como vemos na Fig. 3, o protagonista haitiano é agredido fisicamente e insultado com ofensas abertamente racistas por brasileiros, num ato que explicita a xenofobia e o empurra novamente para uma posição marginal dentro da sociedade de acolhida.

Fig. 3 - Captura de tela da obra *E-Imigrações* (2021) sobre o Haiti, próximo ao seu desfecho, após os imigrantes chegarem ao Brasil



Fonte: Santos; Duarte; Henning (2021).

Por sua vez, a refugiada síria – representada na obra como uma figura materna – termina em completo abandono: depois de escapar da guerra civil em seu país, ela se vê sozinha com o filho, sem o marido e sem qualquer amparo efetivo do Estado ou da comunidade local, aguardando em vão por auxílio ou reunificação familiar. Esse vazio de auxílio social e político evidencia a negligência em múltiplos níveis, o que a confina em uma condição periférica, desamparada e invisibilizada. Já o migrante venezuelano, que precisou literalmente abrir seu próprio caminho para fugir da derrocada econômica da Venezuela, acaba se envolvendo em uma confusão caótica ao tentar se estabelecer no Brasil – situação que reflete a precariedade e a instabilidade enfrentadas por muitos venezuelanos no exílio.

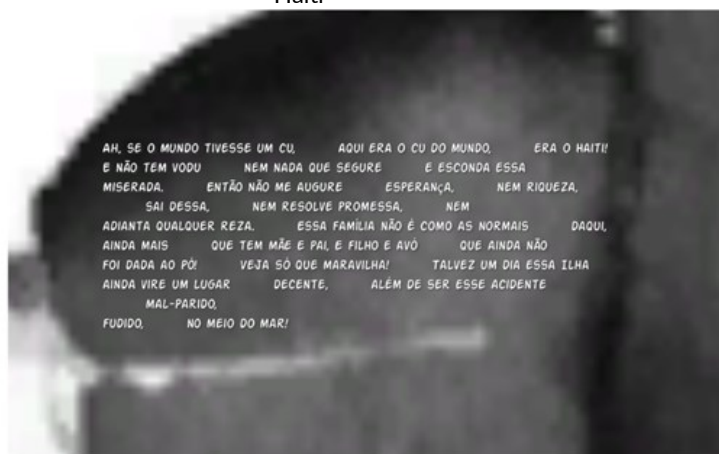
Assim, a literatura que tematiza a Imigração inscreve-se num território onde reconhecimento e recusa, curiosidade e ameaça convivem de modo tenso, no plano formal da obra digital, deslocamentos de gênero, de modos expressivos e de suporte espelham esse entre-lugar temático, sem



converter pessoas em categorias estéticas. As estratégias composicionais – hibridização de recursos verbais, visuais e sonoros; leitura em rolagem; restrições de navegação que impedem o retorno; participação do leitor como operador da cena – funcionam como figurações do deslocamento e da instabilidade.

Para ilustrar o entre-lugar do sujeito migrante, recuperamos uma cena inicial do recorte Haiti da obra *E-Imigrações* (2021). Trata-se de um sujeito Haitiano, ainda em seu país, falando da sua relação com o próprio território:

Fig. 4 – Captura de tela da obra *E-Imigrações* (2021) sobre do começo da narrativa no Haiti



Fonte: Santos; Duarte; Henning (2021).

O trecho reforça a dimensão de precariedade e desamparo que marca a condição migratória. O texto da imagem é carregado de termos fortes e vulgares, expondo a ilha como “o cu do mundo” e denunciando a ausência de qualquer promessa ou reza capaz de mudar a realidade miserável que condena famílias inteiras. Essa voz, que transita entre a oralidade popular e a denúncia poética, encena justamente a falta de lugar estável para o sujeito migrante: nem pátria, nem futuro, nem mesmo uma narrativa redentora.

As narrativas migratórias geralmente exploram questões de identidade, pertencimento e estranhamento cultural. Frequentemente, o protagonista migrante vive um sentimento de “entre-lugar”, dividido entre a terra de origem e a terra de acolhida, carregando memórias de sua pátria ao mesmo tempo em que precisa reconstruir-se em um novo contexto. Esse entre-espaço identitário pode gerar conflitos internos e externos, revelando dinâmicas de poder e exclusão nos espaços transnacionais.

Esse “entre-lugar” corresponde, portanto, à ambivalência que Bauman (2017, p. 11) identifica: o estranho é simultaneamente objeto de

[...]“mixofilia” (a atração por ambientes diversificados e heterogêneos, anunciando experiências desconhecidas e inexploradas, e por esse motivo prometendo os prazeres da aventura e da descoberta) e de “mixofobia” (o medo provocado pelo volume irrefreável do desconhecido, inconveniente, desconcertante e incontrolável).

Isso pode ser visto na Fig. 3 em que um personagem haitiano é alvo de insultos racistas e de agressão física ao chegar ao Brasil. A cena explicita o paradoxo que Bauman (2017) descreve entre mixofilia e mixofobia: ao mesmo tempo em que o migrante projeta a expectativa de encontrar acolhida em um novo território, ele é imediatamente confrontado com hostilidade, violência verbal e corporal. Essa contradição revela como o sujeito migrante ocupa um entre-lugar, não reconhecido como pertencente, tampouco plenamente estrangeiro, mas situado em uma zona de vulnerabilidade que o torna alvo de exclusão.


No plano sociopolítico, Bauman descreve o deslocamento de incertezas difusas para a figura do estrangeiro por meio do dispositivo da securitização<sup>16</sup>. Trata-se da “reclassificação” de fenômenos como “insegurança” e sua transferência ao domínio de órgãos de segurança; um movimento que opera como “truque de mágica”, desviando ansiedades de problemas estruturais para alvos visíveis (BAUMAN, 2017, p. 25). Nessa

técnica, “os governos não estão interessados em aliviar as ansiedades de seus cidadãos. Estão interessados, isto sim, em alimentar a ansiedade que nasce da incerteza quanto ao futuro” (BAUMAN, 2017, p. 25). O resultado é um cenário em que o migrante ocupa uma posição oscilante: presença que demanda intervenção e, ao mesmo tempo, objeto de temor.


Na economia estética da obra, escolhas formais dão corpo a essa experiência: os trechos poéticos que aparecem abaixo, evocando clarões, bombas, ventos fortuitos, bem como a necessidade de abandonar os seus, traduzem a experiência de deslocamento como algo marcado por forças externas incontroláveis e pela vulnerabilidade extrema. Eles foram extraídos de uma parte do poema em que o texto desliza horizontalmente pela tela, da direita para a esquerda. Esse movimento contínuo faz com que os versos passem e sejam parcialmente cortados, o que explica também os cortes visíveis nas capturas de tela apresentadas:

Fig. 5 – Captura de tela da obra *E-Imigrações* (2021) no desenvolvimento da narrativa sobre a Síria, com palavras passando pela tela da direita à esquerda

**Indo a pé, a cavalo, ou correndo,  
todo vento levava à Esmirna.**



**res, num vento fortuito,  
dar às costas aos seus, a essa Síria.**



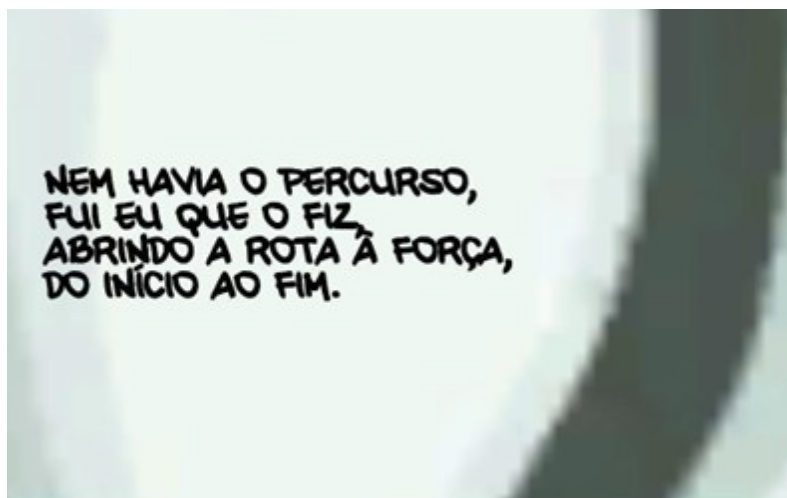
**istumar-se ao clarão que levanta:  
é do Sol, não de bomba! A ferida**

Fonte: Santos; Duarte; Henning (2021).

Esse recurso estético dramatiza como a figura do migrante se torna portadora das ansiedades sociais e políticas de nosso tempo: em vez de encarar as causas estruturais das guerras e crises, a sociedade transfere para o corpo do estrangeiro a materialidade da insegurança. A obra, ao dar voz ao sujeito sírio nesse registro de abandono e violência, exemplifica a operação discursiva que Bauman (2017) chama de “truque de magia”: deslocar medos difusos para alvos visíveis. Assim, a dimensão literária e digital de *E-Imigrações* (2021) encena o entre-lugar e a precariedade projetada sobre o migrante por meios formais específicos (multimodalidade, espacialização, restrições de navegação), articulando conteúdo e forma.

A figura do migrante, portanto, não pode ser compreendida de forma unívoca. Ela é múltipla porque articula, de modo indissociável, a subjetividade de quem parte, o vínculo rompido com a terra natal, o difícil processo de chegada e o modo como é visto e julgado por aqueles que o recebem. Podemos ver isso em uma das cenas no espaço Venezuela da obra. Os versos poéticos sobre a invenção de caminhos materializam, também, a ideia de entre-lugar e de agência precária do sujeito migrante. Sem estradas prévias ou percursos dados, o migrante precisa traçar rotas próprias, revelando sua condição de entre-lugar: nem plenamente reconhecido, nem totalmente invisível. A cena reforça o deslocamento contínuo como forma de existência.

Fig. 6 – Captura de tela da obra *E-Imigrações* (2021) sobre a narrativa da Venezuela



Fonte: Santos; Duarte; Henning (2021).

Em *E-Imigrações* (2021), essa ambivalência é encenada pela trajetória de personagens que, após sobreviverem a catástrofes e guerras, se deparam com uma acolhida que não dissolve sua precariedade, mas a reinscreve em novos moldes. Assim, o sujeito migrante, tal como aparece na obra, não se inscreve em nenhuma totalidade estável. Ele é, ao mesmo tempo, protagonista e invisível; corpo que carrega marcas de sofrimento e sujeito cuja história é constantemente deslocada para o campo da estatística, da manchete ou da retórica política.

## Conclusão

É a partir dessa coexistência que se permite compreender a obra como uma representação estética de um duplo deslocamento, leitura que aqui propomos: o da literatura e o do migrante. Ambos operam em zonas de trânsito, entre fronteiras linguísticas, geográficas ou disciplinares, mas sem anular seus pontos de origem. Assim como o migrante atravessa territórios sem deixar de carregar as marcas de seu lugar de partida, *E-Imigrações* (2021) movimenta-se entre linguagens e suportes, mas mantém seu enraizamento no sistema literário digital. Nesse sentido, *E-Imigrações* (2021) propõe não apenas uma reflexão sobre o migrar humano, mas

também sobre o migrar da arte, uma arte (e literatura) que se abre a novas materialidades e sensibilidades sem dissolver completamente suas fronteiras, instaurando o que Garramuño (2014) chama de arte fora de si, mas ainda reconhecível em seu sistema de origem.

Como corolário, essa dupla condição se verifica tanto na materialidade (multimodalidade, engine de jogo, desenho sonoro e gráfico) quanto na inserção institucional: publicação com ISBN, discussão em circuitos como NUPILL e Observatório da Literatura Digital Brasileira, e autodefinição autoral. É nessa tensão — atravessamentos formais + afirmação sistêmica — que a obra sustenta sua força crítica e poética.

*E-Imigrações* (2021) é, especificamente, literatura digital. Institucionalizado pelo Atlas da Literatura Digital Brasileira<sup>17</sup>, que integra o Observatório da Literatura Digital Brasileira, proposto como literatura por seus autores, publicado por uma editora e lido pela crítica acadêmica como literatura, como em *Sentidos entre a palavra e a imagem na literatura digital: uma análise da obra e-Imigrações*, de Correia e Pereira (2025). O que a obra apresenta são na verdade possíveis leituras inespecíficas que insinuam em direção a uma inespecificidade conforme descrita por Garramuño (2014), mas sua consolidação dentro de um sistema, sua recalcitrância em ser, especificamente, literatura digital, a afasta da inespecificidade.

Nesse estudo, o caminho tomado levou em consideração um aparato sobre os caminhos contemporâneos que a arte toma para aproximar, em uma análise literária, processos que, em sua síntese, constituem a cultura. O digital, o estranho, o pós-autônomo, organizados de maneira sistêmica, compõem a leitura de que *E-Imigrações* (2021) se consolida enquanto a representação de deslocamentos, sendo eles o artístico e o social, mesmo que dentro de um único sistema. Assim, conteúdo, forma e lugar se

reforçam mutuamente: o tema da migração ganha densidade porque é encenado por procedimentos digitais específicos; e esses procedimentos, por sua vez, adquirem sentido crítico ao modularem a percepção pública do deslocamento.

Concluindo, a relação da arte com as sociedades, os leitores, os escritores se relaciona e altera-se constantemente, o que possibilita novas leituras. O digital permeia essas novas relações e a arte torna-se pós-autônoma, gera frutos estranhos, que, quando institucionalizados por agentes literários legitimadores, podem encontrar uma especificidade, como é o caso da obra estudada: todas suas hibridizações pertencem a um espaço específico: a literatura digital.

Como desdobramento metodológico, enxergamos a possibilidade de uma leitura comparativa à luz dos polissistemas de Itamar Even-Zohar (1990, 2013), pois, a partir da análise aqui desenvolvida, chegamos à conclusão, nos termos de Canclini (2012), de que *E-Imigrações* (2021) atua entre diferentes relatos porque é indisciplinar: faz uso de distintos modos de expressão, corrói as fronteiras entre os gêneros e rompe os paradigmas da articulação entre linguagens específicas em suportes específicos ou gêneros específicos com linguagens específicas (poemas em quadrinhos/quadrinhos fora do papel, etc). Justamente por isso, ela exige um olhar crítico indisciplinado, capaz de analisar e refletir sobre essa multiplicidade de linguagens; no entanto, ela é uma obra que finca pé no literário, fazendo uso de estratégias de localização nesse sistema, como citamos ao longo do texto. Surge assim a hipótese de que, para uma leitura futura, quanto mais desdobramentos no nível do campo, mais visíveis as estratégias de circunscrição no nível do sistema.

## REFERÊNCIAS

ACNUR. Agência da ONU para Refugiados. *Refugiados no Brasil*. 2023. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/> Acesso em: 24 set. 2025.

AZEVEDO, Aluísio. *O Cortiço*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1890.

BAUMAN, Zygmunt. *Estranhos à nossa porta*. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.  
CANCLINI, Néstor García. *A sociedade sem relato: antropologia e estética da iminência*. São Paulo: EDUSP, 2012.

CATRÓPA, Andréa; PEREIRA, Vinícius Carvalho; ROCHA, Rejane. In: CATRÓPA, Andréa; PEREIRA, Vinícius Carvalho; ROCHA, Rejane (Org.). *Glossário LITDIGBR – Literatura Digital Brasileira*. 2025. Disponível em: <https://glossariolitdigbr.com.br/literatura-digital-eletronica/>. Acesso em: 22/09/2025.

CORREIA, Marcus Vinicius Sousa; PEREIRA, Vinicius Carvalho. *Sentidos entre a palavra e a imagem na literatura digital: uma análise da obra e-Imigrações*. FronteiraZ. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e Crítica Literária, [S. l.], v. 1, n. 34, p. 157–178, 2025. DOI: 10.23925/1983-4373.2025i34p157-178. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/fr>. Acesso em:

DANIELEWSKI, M. Z. *House of Leaves*. New York: Pantheon Books, 2000.

EVEN-ZOHAR, Itamar. *Teoria dos polissistemas*. Tradução de Luis Fernando Marins. *Scientia Traductionis*, Florianópolis, n. 13, p. 5-49, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/scientia/article/view/1980-4237.2013n13p5> Acesso em: 24 set. 2025.

EVEN-ZOHAR, Itamar. *Polyssistem Studies*. 1. ed. University of Tel Aviv: Duke university Press, v. 11, 1990.

FABER, T. *A Group of Socialists Created a Hit Game That Tore Them Apart*. The New York Times, 17 set. 2025. Disponível em:



<https://www.nytimes.com/interactive/2025/09/17/arts/disco-elysium-zaum-estonia.html>. Acesso em: 1 out. 2025.

FUKS, Julián. *A Resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

GARRAMUÑO, Florencia. *Frutos estranhos: sobre a inespecificidade na estética contemporânea*. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.

HATOUM, Milton. *Relato de um certo Oriente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

HATOUM, Milton. *Dois Irmãos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

LISBOA, Adriana. *Azul-corvo*. Rio de Janeiro: Rocco, 2010. Obs.: A editora Rocco tem sede no Rio de Janeiro.

MANOVICH, L. *Software takes command*. New York: Bloomsbury Publishing Plc, 2013.

RAWET, Samuel. *Contos do Imigrante*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1956.

ROCHA, Rejane; PITHON, André. Disco Elysium em perspectiva sistêmica: O interespaço jogo-literatura. *Afluente: Revista de Letras e Linguística*, v. 9, n. 26, p. 1–20, 18 Fev 2025 Disponível em: <https://periodicoseltronicos.ufma.br/index.php/afluente/article/view/24389>. Acesso em: 8 out 2025.

SANTIAGO, Silviano. O entre-lugar do discurso latino-americano. In: SANTIAGO, Silviano. *Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural*. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000. p. 19-34.

SANTOS, Alckmar Luiz dos; DUARTE, Rafael Soares; HENNING, Vinícius Rutes. *E-Imigrações*. Núcleo de Pesquisas em Informática, Literatura e Linguística. [s.d.]. Disponível em: <https://nupill.ufsc.br/nproducao/e-imigracoes/>. Acesso em: 29 set. 2025

SANTOS, Alckmar Luiz dos; DUARTE, Rafael Soares; HENNING, Vinícius Rutes. *e-Imigrações*. Observatório da Literatura Digital Brasileira, 2021. Disponível em: <http://www.observatoriodigital.br/eimigracoes>. Acesso em: 24 set. 2025.

## NOTAS DE AUTORIA

**Dayane Argentino Dias** (dayane.argentinodias@gmail.com): Doutoranda no PósGraduação em Estudos de Literatura da Universidade Federal de São Carlos e bolsista CAPES. Sou mestra em Literatura Brasileira pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), com foco em Literatura e Internet em minha dissertação e pesquisa. Graduei-me na área de licenciatura em Letras/Português também pela PUC Minas. Tenho experiência profissional como professora do ensino fundamental II, ensino médio e educação de adultos, além de atuar como revisora textual. Também tenho experiência em artes cênicas, tanto em atuação quanto na criação de textos teatrais. Minhas habilidades vão desde a análise literária até a revisão de textos. Atualmente pesquiso a relação entre Literatura Digital e Inteligência Artificial.

### Como citar este artigo de acordo com as normas da revista?

DIAS, Dayane Argentino. Inespecificidade em E-Imigrações: o migrante e as materialidades literárias híbridas. *Texto Digital*, Florianópolis, v. 21, n. 2, p. 07-32, 2025.

### Contribuição de autoria

Não se aplica.

### Financiamento

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

### Consentimento de uso de imagem

Não se aplica.

### Aprovação de comitê de ética em pesquisa

Não se aplica.

### Licença de uso

Este artigo está licenciado sob a Licença Creative Commons CC-BY. Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

### Histórico

Recebido em: 14 out. 2025.

Aprovado em: 17 out. 2025.